

## A volta de José Carlos Oliveira: O Amarildo da crônica brasileira

## The Return of José Carlos Oliveira: The Amarildo Of The Brazilian Cronica

Rodrigo Leite Caldeira<sup>1</sup>

**A** recente publicação da antologia *Os sabiás da crônica* (2021), com organização e prefácio de Augusto Massi, trouxe de volta às páginas dos principais jornais do país o nome de José Carlos Oliveira (1934-1986). Um dos escritores capixabas mais importantes da literatura brasileira no século XX voltou a ocupar o espaço que por mais de três décadas foi seu habitat literário por excelência: o jornal.



Capa de *Os sabiás da crônica*, organizada por Augusto Massi.

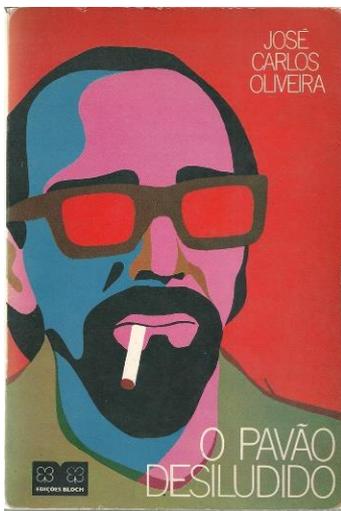
<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Por isso, não é de se estranhar que, ao comentar sobre o lançamento do livro, Álvaro Costa e Silva tenha aproveitado para escrever sobre o “menos badalado da turma” de cronistas. De fato, é bem provável que diante da foto que ilustra a capa do livro, a presença central do *pavão* José Carlos Oliveira entre os *sabiás* Rubem Braga, Vinícius de Moraes, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) e Fernando Sabino tenha causado alguma estranheza em leitores que ignoravam, até então, a sua importância. Nesse sentido, como afirma Silva sobre o romance *O pavão desiludido* (1972), podemos, também, dizer que o seu autor, José Carlos Oliveira, “continua sendo um dos maiores segredos da literatura brasileira” (SILVA, 2021).



Desenho de José Carlos Oliveira por Cássio Loredano.

Os motivos pelos quais JCO tenha caído em ostracismo são diversos e é um capítulo à parte a ser escrito e inserido na história concisa da literatura brasileira. Penso que uma importante pista, para a solução desse sequestro, foi lançada por Massi quando afirma que “entre todos os *sabiás*, Carlinhos Oliveira talvez tenha sido o mais prejudicado pelo aparelhamento político” da época e que isso pode ser exemplificado quando se compara a “boa acolhida” do livro de crônicas *A revolução das bonecas* [Editora Sabiá, 1967] e a “recusa reiterada” do romance *O pavão desiludido* [Edições Bloch, 1972] (MASSI, 2021, p. 60).



Capas de *A revolução das bonecas* e *O pavão desiludido*, de José Carlos Oliveira.

Tal perspectiva se alinha à opinião de Silva (2021) quando pondera que “é sintomático que um autor que passou a vida sendo cobrado por ser uma promessa não cumprida tenha escrito um livro tão bom e ninguém tenha notado”. Jason Tércio, autor da biografia *O órfão da tempestade* (1999) e responsável pela organização de cinco livros de crônicas e do *Diário selvagem* (2005) de JCO, em entrevista a Antônio Torres, quando perguntado por que o cronista capixaba caiu no ostracismo, lançou duas hipóteses:

A primeira é que o Carlinhos, ao contrário de seus colegas de ofício, não se preocupou em publicar em livro a grande maioria de suas crônicas, fora os contos absolutamente inéditos. E os seus romances

não foram reeditados, nem mesmo *Terror e êxtase*, o seu maior sucesso. A segunda, é que ele sempre foi muito ferino em suas críticas. Por causa disso fez muitos inimigos. No Brasil, muita gente ainda julga um escritor, um artista, pelo lado pessoal, não pela obra em si (TÉRCIO, 2005).



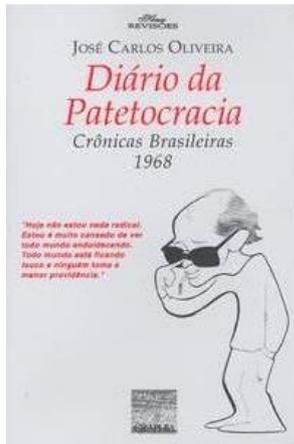
Capas das biografias de Jason Tércio sobre José Carlos Oliveira.

Curiosamente, no mesmo ano em que concedeu esta entrevista ao Antônio Torres, 2005, a Ediouro publicou uma nova edição de *Terror e êxtase*, único dos quatro romances de JCO de que houve reedição. O caminho para conseguir traçar, de modo mais preciso, as causas e as consequências desse apagamento ainda é longo e provavelmente somente quando todos os seus livros publicados forem reeditados e a maior parte do vasto volume de suas crônicas for transportado das páginas dos jornais para as páginas de livros poder-se-á delinear melhor este grande mistério.

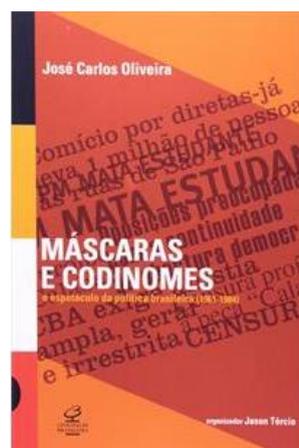
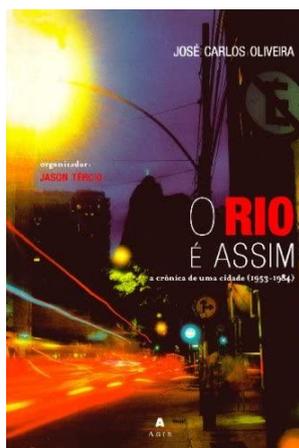
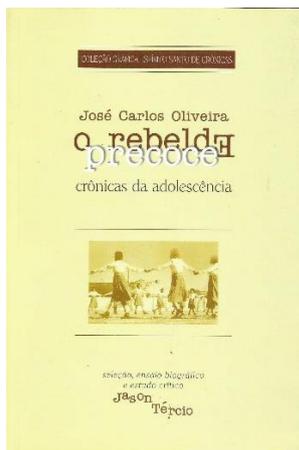
Até lá, trabalhos desbravadores como os de Bernardo de Mendonça e Luciana Viégas (1995), Sheila Kaplan (1996), Jason Tércio<sup>2</sup>, José Irmo Gonring (2015), Francine Bednarkchuck (2017) e Francisco Aurélio Ribeiro (2018), para citar alguns de maior fôlego, têm contribuído, sobremaneira, para manter viva a

<sup>2</sup> Além da biografia *Órfão da tempestade: a vida de Carlinhos Oliveira e da sua geração, entre o terror e o êxtase* (1999) e do *Diário selvagem* (2005), Tércio é responsável pela organização dos seguintes livros de crônicas: *O rebelde precoce* (2003); *O homem na varanda do Antonio's* (2004); *Flanando em Paris* (2005); *O Rio é assim: crônica de uma cidade (1953-1984)* (2005) e *Máscaras e codinomes: o espetáculo da política brasileira (1961-1984)* (2006)

memória e a obra de José Carlos Oliveira, apesar de certo abandono editorial e passados mais de 35 anos de sua morte.



Capa da edição do *Diário da patetocracia*, de José Carlos Oliveira.



Capas das edições das crônicas de José Carlos Oliveira organizadas por Jason Tércio.

É nesse sentido, portanto, que, ao ser convidado para reunir esta pequena *seleta* de crônicas de José Carlos Oliveira, me propus a apresentar um material ainda pouco explorado do seu universo literário que são as crônicas relacionadas ao futebol. Se hoje é comum a existência do cronista esportivo que escreve, invariavelmente, somente sobre futebol, nos tempos dos sabiás, os “núcleos comuns” de assuntos abordados por eles, como destaca Massi, eram bem mais amplos e, além do futebol, poderia abrigar “a etnografia sentimental dos bairros e dos bares, os diálogos com a música e o cinema, os perfis de artistas e amigos, o versiprosa, as histórias de passarinho, [...] os tipos urbanos” (2021, p. 30).

Não obstante, para entendermos melhor a relação intrínseca entre crônica e futebol para essa “geração de ouro”, cabe destacar a analogia adotada por Rubem Braga para se referir a José Carlos Oliveira quando o “velho” cronista passou a dividir com o “novo” as páginas do Caderno B do *Jornal do Brasil* a partir de julho de 1964:

Eu queria explicar ao leitor como vai ser esta seção, mas o diabo é que eu mesmo não sei. Crônicas, daquelas que fiz tantos anos em tantos jornais, isso só de vez em quando; diária, não faço mais: cansei. Penduro minhas chuteiras. Isso não quer dizer que não tope um bate-bola sem compromisso; até me diverte. Além do mais o leitor deste *Jornal* já está muito bem servido: para grandes lances líricos e ataques fulminantes, tem neste Caderno o jovem José Carlos de (sic) Oliveira, o Amarildo da crônica. Amarildo porque com o mesmo temperamento, o mesmo ímpeto, a mesma eficácia; apenas com mais sabedoria e mais perfeito domínio do vernáculo, digo, da pelota. Desculpem se não o comparo a Pelé; mas não comparo ninguém a Pelé (BRAGA, 1964).

Coincidência, ou não, o jogador Amarildo é hoje, assim como José Carlos Oliveira, um nome que requer certo esforço mental ou mesmo uma pesquisa para que seja possível depurar com mais acuidade o peso da comparação elogiosa feita por Braga ao colega que “tinha mudado de página” para recebê-lo e “fazer as honras da casa ao novo cronista”, como explicou o jornal cinco dias depois da estreia da seção “Trivial variado”. Amarildo foi o reserva que, aos 22 anos, substituiu o Pelé a partir da terceira rodada na fase inicial da Copa do Mundo de 1962, disputada no Chile. No jogo seguinte à contusão de Pelé, contra a Espanha, o Brasil perdia de um gol, o que significava o fim do sonho do bicampeonato

mundial, até que aos 27 minutos do segundo tempo, Amarildo empatou o jogo e aos 41 fez mais um, eliminando a Espanha e fazendo com que a Seleção Brasileira seguisse na competição até a conquista do título.

Como observa Olavo Soares, a afirmação comum de “que Garrincha ganhou sozinho” a Copa de 1962 trata-se de uma grande injustiça “com os outros 21 atletas do grupo e, principalmente, com quem teve a árdua missão de substituir aquele que viria a ser o maior jogador de futebol de todos os tempos. O peso de Amarildo no bi-mundial da seleção é indiscutível” (SOARES, 2013). A escolha de Braga, portanto, pela analogia com Amarildo, tem, ao meu ver, dois componentes: primeiro ratifica uma percepção à época, mais próxima dos acontecimentos, de que Amarildo estaria apenas atrás de Pelé como atesta, por exemplo, uma notícia que informava que o Botafogo, “clube milionário do Rio”, “reformou contrato” com Amarildo por Cr\$ 9 milhões de luvas, ao passo que os “também bicampeões do mundo” Nilton Santos, Garrincha e Zagalo, “reformaram por apenas Cr\$ 3 milhões” (ALMEIDA; CASTRO, 1963); segundo, a imagem de Amarildo como o substituto do “Rei do Futebol”, pode ser lida, metaforicamente, como um entendimento por parte de Rubem Braga que José Carlos Oliveira, também, poderia ser um substituto à altura do “Rei da Crônica” — como alguns já o consideravam — no domínio da pelota, digo, do vernáculo. Para ratificar essa minha hipótese, rememoro, por exemplo, a resposta dada por Braga, em janeiro de 1978, quando perguntado se estava lendo crônicas e o que achava do gênero, ele respondeu: “— Estou lendo, sim. Gosto muito. Fale com o José Carlos de (sic) Oliveira, que eu acho o melhor cronista hoje” (CARVALHO, 1978).



JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

RETRATO FALADO

— Está na hora. Vamos todos para a varanda, que a coisa vai começar.

Fomos todos para a varanda. Fernando, Vinícius, Rubem, Paulo, Sérgio, eu. Todos de paletó e gravata. Chico Buarque, de camisa esporte, ficou sentado na sala, a tudo contemplando com uns olhos tristes de Carolina.

O fotógrafo Paulo Garcez arruma os bonecos penteados, Rubem avisa que é proibido fumar, Vinícius reclama que já são cinco e meia da tarde e até agora não viu a côr do uísque. Garcez introduz a chapa na máquina fotográfica pousada sobre o tripé. Ipanema já tem o seu tambe-lambe de luxo. Fernando proibe risadinhas na hora da verdade e Paulinho está querendo tirar retrato sem paletó, mas não deixamos.

— Olha o passarinho — grita o Braga.

— O passarinho, não. O sabiá — corrige Vinícius. — Olha o sabiá.

Garcez bate não sei quantas chapas. Depois, prepara uma máquina menor e nos apanha em flagrante. Agora que podemos ficar à vontade, Chico é chamado a posar para a posteridade.

Serviço terminado, Vinícius desaparece lá dentro, e, quando reaparece, esboça uma garrafa de uísque e uma combuca de gelo. O poeta está feliz: na vitrola do Rubem ouvimos a trilha sonora do filme sobre a Garôta de Ipanema. Há uma bela canção do Chico, algumas outras do próprio poeta. Dizem que Frank Sinatra está interessado em se associar ao lançamento

do filme nos Estados Unidos. A coisa cheira a balão de ensaio de public relations muito imaginoso; mas não custa nada acreditar nela, enquanto os fatos não a desmentem. Dois livros do poeta já estão prontos, e serão lançados na mesma noite de autógrafos de que participaram os homens de paletó aqui presentes.

Sérgio pede licença: vai a um casamento, depois volta. Sérgio está chateado em virtude da quantidade de trabalho que lhe tem cabido ultimamente. Seu último fim de semana, ele o passou em cima da máquina de escrever, compondo uma versão do Burguês Gentil-homem, de Molière, para Paulo Autran.

Fernando e Rubem tomam as últimas providências para a

transformação da Editora Sabiá numa realidade tão bem sucedida quanto a do Autor.

Chico Buarque prepara uma dose de uísque e fica mais meia hora em completo silêncio. Está satisfeito com as irmãs Cinara e Cibele, que deram uma interpretação definitiva à sua bonita canção Carolina. Outro motivo de contentamento é a sua estréia como desenhista de cartoons. Na base da brincadeira, ele fez alguns desenhos humorísticos tendo por tema a Margarida, de Gutenberg Guarabira. Os trabalhos foram publicados no Sol, suplemento do Jornal dos Esportes.

Alguém comenta:

— Gutenberg Neri Guarabira Filho... Quer dizer que já houve um Gutenberg Neri Guarabira... E dia virá em que nos defrontaremos com o jo-

vem Gutenberg Neri Guarabira Neto...

De repente nossa atenção é despertada para uma algazarra que se faz lá fora, no corredor. Pelo ôha mágico, verificamos que cerca de quinze meninas e outros tantos garotos estão postados no corredor. Um emissário especial abre a porta dos fundos e pergunta o que desejam: — Queremos ver o Chico Buarque. Queremos que Chico nos dê seu autógrafa. Uma garôta de seus 13 anos, tendo ao colo o irmãozinho caçula, grita "Chiquinho!", e a coisa se transforma em programa de TV ao vivo.

Fernando, Vinícius, Paulo, Sérgio, Rubem e eu descobrimos, assim, que o tempo passou na janela e só Carolina não viu... Agora é a vez de Chico Buarque. Bom proveito!

Página do *Jornal do Brasil* com crônica de José Carlos Oliveira sobre a seção fotográfica de Paulo Garcez e incluída como orelha do livro *Os sabiás da crônica* (2021).

Na impossibilidade de falarmos com José Carlos Oliveira, como orientou Braga, me parece que a melhor forma de compreendermos o seu papel na consolidação desse gênero, que, como ensina Candido, "sob vários aspectos é um gênero brasileiro" (CANDIDO, 1992), foi e continua sendo a leitura de sua obra pois, como destacou Carlos Heitor Cony, "lida concomitantemente com sua vida, a sua obra, apesar de esparsa e fragmentada, pode ser encarada como o maior romance contemporâneo" (CONY, 1999, p. 11).

Espero, assim, que as quatro crônicas aqui escolhidas, uma amostra diminuta de cada década em que José Carlos Oliveira esteve em campo como um dos cronistas titulares do *Jornal do Brasil*, seja um estímulo para que cada vez mais nós, leitores, nos apossemos dessa monumental obra e, assim como o fez Otto Maria Carpeaux com Graciliano Ramos, seja possível construir o nosso José Carlos Oliveira.

Referências:

ALMEIDA, Dácio; CASTRO, Marcos de. Futebol, do sonho à realidade (I): amor pela bola só rende lá fora. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1963.

Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&pagfis=35724](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=35724)>. Acesso em: 24 fev. 2022.

BEDNARCHUK, Francine Mariê Alves Higashi. *Crônica e autoficção em José Carlos Oliveira*. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Programa de Pós-graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

BRAGA, Rubem. Trivial variado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1964. Caderno B. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&pagfis=55452](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=55452)>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: PORTAL da Crônica Brasileira. Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/artes-da-cronica/14738/a-vida-ao-res-do-chao>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CARVALHO, Maria Angelica de. Rubem Braga, o “príncipe dos cronistas”, não aceita reverências. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1978. Disponível em: <<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga&pagfis=8775>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CONY, Carlos Heitor. O urro da caverna. In: TÉRCIO, Jason. *O órfão da tempestade: a vida de Calinhos Oliveira e da sua geração, entre o terro e o êxtase*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. p. 9-11.

GONRING, José Irmo. *A crônica e a crônica de José Carlos Oliveira em 1968: o império do sério e do útil*. 2015. 287 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

KAPLAN, Sheila. *José Carlos Oliveira – a sedução do duplo*. 1996. 95 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

MASSI, Augusto. Retrato de grupo. In: BRAGA, Rubem et al. *Os sabiás da crônica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 27-61.

OLIVEIRA, José Carlos. *Diário da patetocracia: crônicas brasileiras, 1968*. Depoimento de Vladimir Palmeira; prefácio de Bernardo de Mendonça, pesquisa bibliográfica de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 1995.

OLIVEIRA, José Carlos. *O rebelde precoce*. Organização de Jason Tércio. Vitória: Ufes, 2003.

OLIVEIRA, José Carlos. *O homem na varanda do Antonio's*. Organização de Jason Tércio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

OLIVEIRA, José Carlos. *Flanando em Paris*. Organização de Jason Tércio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OLIVEIRA, José Carlos. *O Rio é assim: crônica de uma cidade (1953-1984)*. Organização de Jason Tércio. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

OLIVEIRA, José Carlos. *Máscaras e codinomes: o espetáculo da política brasileira (1961-1984)*. Organização de Jason Tércio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Carlinhos Oliveira no cenário da crônica nacional. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 125-176.

SILVA, Álvaro Costa e. O cronista que namorou a morte. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 nov. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/alvaro-costa-e-silva/2021/11/o-cronista-que-namorou-com-a-morte.shtml>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SOARES, Olavo. Reservas que fizeram história: Amarildo, o substituto do Rei. *GQ Digital*, Rio de Janeiro, 5 nov. 2013. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Esta-e-nossa/noticia/2013/11/reservas-que-fizeram-historia-amarildo-o-substituto-do-rei.html>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

TÉRCIO, Jason. *Órfão da tempestade: a vida de Carlinhos Oliveira e da sua geração, entre o terror e o êxtase*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

TÉRCIO, Jason. *Diário selvagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TÉRCIO, Jason. Diário selvagem (parte final). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jun. 2005. Caderno B. Entrevista concedida a Antônio Torres. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&pagfis=134530](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pagfis=134530)>. Acesso em: 24 fev. 2022.

## Seleta

### BOTAFOGO!

Até eu, que raramente me empolgo por uma partida de futebol, estou torcendo pelo Botafogo. Conheço alguns botafoguenses, a principiari por Armando Nogueira, e sei como foi dramático, para eles, ver seu time perder tantas vezes. Em 1956 o Botafogo havia praticamente passado para a categoria dos "clubes pequenos", ou sacos-de-pancada, com uma equipe de dar pena. Jogo do meu time, o Flamengo, contra o do Armando Nogueira, era muito triste porque eu não tinha coragem de olhar depois o Arno nos olhos. Só o fazia se o juiz, em dia torto, houvesse cometido algumas injustiças contra o Botafogo, ou não tivesse marcado um "penalty" contra o Flamengo que todos considerassem escandaloso. Aí eu podia dizer, sem tom de consolo, a esse obstinado botafoguense: "Também! Com um juiz daqueles!"

Tirante a torcida do Fluminense, creio que ninguém irá hoje ao Maracanã esperando a derrota do Botafogo. Isso seria o mesmo que torcer contra os americanos, no caso do lançamento do seu pequeno satélite artificial. Fazendo abstração do fato de que tanto os americanos quanto os russos dão um caráter mais político e bélico a esse inquietante campeonato, do que propriamente um caráter científico, o que fracassa quando o "Vanguard" fracassa é a inteligência humana. É algo assim como quando o Flamengo vence o Vasco por um a zero, gol feito um minuto antes do término da partida. Foi São Judas Tadeu quem interferiu; foi o Acaso, esse indesejável. Não creio que ninguém goste de ver o absurdo interferindo num campo de influência humana tão preciso quanto o da física — ou o do futebol.

Se Botafogo e Fluminense estão ambos com esquadões competentes, a vitória deve ser dada àquele que mais precisa dela, seja de um ponto de vista meramente sentimental. É o que desejo sinceramente, e desde já ofereço a vitória do Botafogo como presente de Natal ao meu bom amigo Armando Nogueira. O Flu que não me faça dar vexame.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1957.

## A TAÇA

Parece um golpe publicitário magistral: roubaram a Taça Jules Rimet. Os jornais mencionam o valor desse objeto de ouro maciço. Não falam, porém, no suor, nas lágrimas, na emoção que varreu duas vezes o Brasil de lado a lado. Primeiro vimos Bellini, depois Mauro erguendo a taça nas duas mãos. Mas atrás dessa imagem havia outras, mais pungentes, como por exemplo Pelé aos 17 anos chorando no ombro de Nilton Santos, ou Garrincha abandonando um estádio chileno depois de levar uma pedrada na cabeça.

A taça pertence a cada um de nós; neste sentido fomos todos roubados em Londres. Porém, de que vale o ouro maciço diante da maciça esperança que une um povo? Em 1958, em 1962 e agora em 1966 o futebol aparece como a única medida universal do homem brasileiro. Oitenta milhões de patetas com a orelha colada a um rádio esganiçado: que maravilha! Na hora do gol o locutor grita meia hora — "gol!" — e todos ficamos desesperados, pedindo pelo amor de Deus que ele pare de berrar e diga quem é que afinal fez aquele abençoado gol.

As bandeiras se agitam sobre as cabeças afogueadas. Uns dançam, outros se abraçam, as crianças surgem sorridentes nas janelas, há quem chore perdidamente. Olhamos o Pão de Açúcar — é brasileiro — o mar — é brasileiro — e no céu brasileiro voam pardais brasileiros. Quem não se lembra da canção, do ritmo em que cavalgávamos na primeira vez? Assim: "Didi a Pelé, Pelé a Vavá, Vavá a Didi, Didi a Garrincha, Garrincha a Zagalo, Zagalo a Vavá... Gol!" A bola ia de pé em pé na nossa imaginação.

E quando Pelé

caiu em campo no Chile? Que silêncio! Eram oitenta milhões de silêncios. Todo mundo sentia uma dor nas virilhas na alma. Todo mundo se esforçava para se levantar

do gramado. Depois, Pelé no hospital, jogamos toda a nossa fé na sagrada camisa de Amarildo.

É assim que todos pensam agora, diante da notícia que vem de Londres. A Taça Jules Rimet não é apenas um objeto de ouro maciço. Ela significa. Ela é o retrato da mulher amada. Simboliza tudo aquilo que se distribui conflituosamente entre todos nós. Se há um momento em que se pode considerar o Brasil uma nação, é durante a Copa do Mundo. Todos os corações pulsando no mesmo ritmo. Todas as gargantas gritando a mesma palavra.

O ladrão inglês não sabia o que estava fazendo. Ele nos roubou as nossas mais belas recordações, sob cujo peso a esta altura deve ter sido esmagado.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1965.

## NOVENTA MILHÕES DE PATETAS

O mais difícil na Copa do Mundo, que se aproxima, é justamente esperar por ela. Discussões veementes se travam em toda parte, mas são discussões bizantinas. Entrelaçados o medo da derrota e a esperança da vitória, desperdiçamos toneladas de emoção. Atividade absurda, sim, e comovente: 90 milhões de patetas jogando biriba sem baralho. No entanto, tirante o resultado final, que ninguém pode prever, tudo se passará como nos três últimos campeonatos. Recordemos

— 1958. Suécia. Estamos fritos. Começamos ganhando, mas ninguém se convenceu. Vamos ter pela frente, agora, o chamado futebol científico da Rússia, implacável na defesa como no ataque. Nós, ao contrário, temos no arco um célebre frangeiro, Gilmar, cujo único mérito reside no senso de humor. Quando engole um frango ele morre de rir. "Qual é a graça?" perguntaria o torcedor sofrido. Quanto à linha de zagueiros, temos um cavalo, Bellini; e no ataque um hipopótamo, Vavá... Sem falar num menino, imaginem, um menino de 17 anos, um tal de Pelé, inexperiente em jogos internacionais, e que só entrou no selecionado porque quem manda são os cartolas de São Paulo.

Na Cinelândia, onde foram instalados diversos alto-falantes, a multidão propensa ao desânimo logo se agitará entusiasmada. É que, até então, estava no banco dos reservas um atleta inverossímil. Dizer que tinha pernas tortas seria delicadeza: elas eram aleijadas. E possuía uma inteligência abaixo da média, de acordo com os testes psicológicos a que fora submetido. Além disso, jogava um futebol solitário, como se fosse o único homem em campo. Sabia driblar, mas driblava duas, três vezes seguidas: um egoísta. E no entanto a Cinelândia despertou para a esperança quando os locutores pronunciaram seu nome: Garrincha. Aquele que era, na época, o maior jogador do mundo, iria desmoralizar a equipe russa.

Outra vez o desânimo. Até agora não sofremos gol. Se fizerem um gol na gente, adeus campeonato... E fizeram um gol na gente! Todas as consciências se voltaram para o Maracanã em 1950, para aquele fatídico Brasil-Uruguaí...

Só que desta vez entrariam em cena o senso de humor de Gilmar e a autoridade moral de Didi. Ganhamos de goleada. Enquanto Pelé chorava nos braços de Nilton Santos, lá na Suécia, nós aqui na Cinelândia também chorávamos: na alma brasileira explodira ninguém sabe o que, mas um não sei que há muito esperado, e vital.

— 1962. Chile. Vaidosos, orgulhosos, favoritos, ninguém podia conosco. E de repente Pelé se estende por inteiro, de costas, no gramado. Não há nem comparação: aquilo era 10 mil vezes pior do que a destruição do módulo de serviço da Apollo-13. Entra Amarildo: terá nervos para substituir o Rei? Na Cinelândia, a multidão faz as pazes com a humildade... Os macumbeiros trabalham febrilmente — eles que, nos momentos decisivos do futebol brasileiro, são chamados a vestir a camisa número 13. Amarildo corresponde aos anseios populares, mas Garrincha é expulso de campo. Por interferência do então Primeiro-Ministro brasileiro, o herói das pernas tortas pode voltar ao estádio. Diga-se de passagem que, a partir daquele instante, a vida de Garrincha haveria de sofrer uma radical transformação, pois nas arquibancadas, chefiando a nossa torcida, alguém cantava uma paródia improvisada na hora: "Não tem Pelé / Mas tem Mané / Garrincha-chá-chá..." Era Elza Soares. Enfim, os rojões iluminaram a noite brasileira, éramos bicampeões

— 1966. Inglaterra. Desnecessário lembrar. Foi a repetição de 1958 sem o final feliz.

E agora? Agora seria recomendável que adotássemos a atitude dos nova-iorquinos com respeito ao verão. Quando o calor está insuportável em Nova Iorque, ninguém ousa tocar no assunto. Acreditam os nova-iorquinos que, quando você comenta: "Mas que calor, hem?" — o calor aumenta. Deixemos que Zagalo sofra antecipadamente por nós a angústia que, queiramos ou não, chegará até nós na hora certa.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 maio 1970.

## A LENDA DO GURI MAGRELO

Nesta Copa do Mundo, o Brasil tem pelo menos um representante típico da sociedade contraditória de que somos feitos. É aquele menino magrelo, desnutrido, com frágeis dentes e canelas finas, que jogava pelada nas ruas do Quintino. Um guri suburbano de 12/13 anos, cujos irmãos eram jogadores profissionais de futebol — atletas esforçados e pouco mais do que isso.

Era um brasileiro de segunda geração por parte do pai, que nasceu em Portugal. Era raquítico. Suas vértebras, suas clavículas faziam pressão contra a pele, podendo ser observadas a olho nu, do lado de fora, sob a transparência leve, só levemente opaca da pele. Esquelético. Mas como jogava bola, o malandro!

Os irmãos dele entendiam de futebol. A família toda era vidrada no jogo da bola com os pés. Acabaram conduzindo o menino ao C. R. Flamengo, onde o apresentaram como candidato à equipe infanto-juvenil.

— Meu Deus, mas é um fiapo de guri! — estranhou o treinador.

— Mas essa canela fina não aguenta um trompaço no campo! — vaticinou o massagista

— Se esse aí pode entrar no time, então eu também posso!  
— zombou um gandula, que era gandula — apanhador de bola tresmalhada — por ter nascido com uma perna menor do que a outra.

— Não posso acreditar — comentou o médico. — Esse garoto subnutrido, esquelético, opilado, sem envergadura, sem estatura condizente com sua idade, com ossos tão frágeis... Isto não combina com o futebol.

Mas um Anjo apareceu à maneira dos anjos: aproximando-se invisível; sem perder a invisibilidade, soprou na brisa que então passava, alvoroçando os cabelos do garotinho magro e de seus examinadores:

— Ora, o problema é justamente esse! O grande desafio é fazer desse menino um jogador de futebol!

O médico escutou os murmúrios da brisa — a voz do anjo invisível. O treinador escutou. Todos no Flamengo escutaram. O guri magricela foi aceito.

Ah! Ele foi superalimentado. Devorou montanhas de bifés acebolados, toneladas de ovos, pilhas de frutas, caminhões de legumes! Era uma fome atávica, uma fome de séculos: era essa fome antiquíssima a única responsável pelos seus ossos frágeis, pelos seus dentes frágeis, pela sua musculatura flácida, pelo seu rosto roído de espinhas...

Bastou que lhe dessem de comer o suficiente para saciar uma fome ancha de cinco ou seis gerações, para que ele se transfigurasse. Os ossos cresceram e se solidificaram. Os dentes ficaram rijos. A pele tornou-se lisa. Os músculos e a gordura esconderam as vértebras e as clavículas. E o olho do garoto começou a brilhar intensamente, brilhar de alegria corporal, de saúde recuperada, de energia e vigor, e sobretudo de gratidão pela sociedade... — Ele chegava alegre ao clube, calçava as chuteiras, driblava todo o time adversário e fazia gols sem conta...

Era ele, finalmente, o Zico, o craque magnífico, tirado de dentro da casca de um menino franzino como um pintinho sai da casca do ovo — e crescendo, torna-se um galo elegante e varonil... O Galo de Quintino!

Essa é a história dele. E quase a mesma história de Pelé, quase a mesma de Garrincha, quase a mesma de legião de atletas brasileiros, no futebol e nos outros esportes. É quase. Há uma pequena diferença. E essa pequena diferença honra o nosso futebol, em seu atual estágio. Os responsáveis pelos infanto-juvenis do Flamengo perceberam que, admitindo Zico na equipe, chegariam, infalivelmente, a um resultado em dois possíveis: ou bem ele se tornaria um craque, desenvolvendo as qualidades

inatas já demonstradas nos primeiros treinos, ou se tornaria um homem saudável, capacitado a enfrentar e vencer os obstáculos da vida em qualquer outra atividade. Qualquer resultado seria excelente.

Os homens do Flamengo acharam que valeria a pena fazer do menino um homem vigoroso. E trabalharam nessa direção. Hoje, se Zico é um craque admirado no mundo inteiro, isto não é senão um final superfeliz para uma história que, mesmo sem futebol, já teria alcançado um desfecho simplesmente feliz — maravilhoso, simplesmente feliz.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1982.

Recebida em: 17 de março de 2022.  
Aprovada em: 06 de junho de 2022.